

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
DEPARTAMENTO DE ARTE DRAMÁTICA  
LICENCIATURA EM TEATRO

CLÁUDIA TAMIRES DOS REIS CARVALHO

**O FAZER TEATRAL COMO PROPULSOR DE AUTOCONHECIMENTO**  
**Um memorial reflexivo sobre o projeto “Teatro para Todos” desenvolvido na cidade**  
**Esteio/RS e a relevância dessa experiência para os participantes e para a minha**  
**formação como professora de teatro**

Porto Alegre

2022

CLÁUDIA TAMIRES DOS REIS CARVALHO

**O FAZER TEATRAL COMO PROPULSOR DE AUTOCONHECIMENTO**  
**Um memorial reflexivo sobre o projeto “Teatro para Todos” desenvolvido na cidade**  
**Esteio/RS e a relevância dessa experiência para os participantes e para a minha**  
**formação como professora de teatro**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Arte Dramática do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Adriana Jorge Lopes Machado Ramos

Porto Alegre

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Carvalho, Cláudia Tamires dos Reis

O FAZER TEATRAL COMO PROPULSOR DE AUTOCONHECIMENTO  
Um memorial reflexivo sobre o projeto "Teatro para  
Todos" desenvolvido na cidade Esteio/RS e a relevância  
dessa experiência para os participantes e para a minha  
formação como professora de teatro / Cláudia Tamires  
dos Reis Carvalho. -- 2022.

50 f.

Orientadora: Adriana Jorge Lopes Machado Ramos.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Licenciatura em Teatro, Porto Alegre, BR-RS,  
2022.

1. Ensino de Teatro. 2. Teatro. 3. Comunidade. I.  
Ramos, Adriana Jorge Lopes Machado, orient. II.  
Título.

*Dedico este trabalho à minha mãe Claudete Passos dos Reis e a meu pai Valdir Carvalho. À minha avó Marli Teresinha Passos dos Reis. À memória dos meus avós Waldir Alves dos Reis, Olinda Carvalho e José de Deus Carvalho. E aos meus alunos, que tanto me ensinam.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à minha família, por se dedicarem tanto para que eu pudesse estudar, por cada incentivo e por cada auxílio.

Às mulheres da minha vida, minha mãe Claudete Passos dos Reis e minha avó Marli Teresinha Passos dos Reis, batalhadoras e generosas, professoras que me ensinam a enfrentar o mundo.

Ao meu pai Valdir Carvalho que desde sempre me ensinou a importância dos estudos, do trabalho e da honestidade.

Ao meu avô Waldir Alves dos Reis que partiu antes de me ver formada, mas foi um dos maiores responsáveis por isso tudo. Vô, a saudade ainda dói aqui no peito, esse trabalho é para você.

À minha madrastra Irene e ao meu padrasto Jaime por todo o carinho e ajuda.

À minha irmã Fernanda Caroline, aos meus sobrinhos José Mateus, Davi, Abraão e ao meu cunhado Diego.

Aos meus amigos, irmãos, companheiros de vida e para os quais nenhuma palavra seria suficiente para agradecer: Samanta, juntas até a morte. Pâmela e Rosana minhas “best(as)”, obrigada por continuarem comigo todos esses anos. Fanael, a ti meu amor eterno. Gabriel e Júnior tenho certeza que nossa ligação vem de outras vidas e vai seguir para outras tantas. Júlia, Dener, Glória, Suzi, o teatro nos uniu, a vida nos aproximou e nada no mundo nos separa.

Ao meu parceiro de vida Leonardo Koslowski pelo amor, paciência, pelas longas conversas e reflexões e por sonhar junto comigo.

À Bruno Busato, Gabriela Chaves, Gabriela Poester, Jussinei Lorde, Madalenna Leandra, Nairim Tomazini e Pedro Schilling por me permitirem participar dos seus estágios de montagem e por acreditarem em mim quando nem mesmo eu acreditava. E por dividirem comigo esses momentos tão especiais, em processos que guardarei para sempre e dos quais levo imensos aprendizados.

À Márcia Metz e Jesline Cantos, presentes que o DAD me trouxe, toda a minha admiração a vocês que são mulheres incríveis com quem aprendo e amadureço. Agradeço também Camile Villanova, Caroline Vetori, Carô Conceição, Priscila Jardim e Savana Ferreira que estiveram comigo nessa trajetória.

Aos “dragões” Dani Dutra, Henrique Strieder, Mariana Fernandes e Renata Lorenzi pelas trocas e aprendizados.

Aos “intestiners” Ana Girardello, Bruno Fernandes e Rodrigo Sacco Teixeira por tamanha generosidade e parceria.

Aos “aterrorizantes” Alexei Goldenberg, Douglas Lunardi, Franco Mendes e Julio Estevan, companheiros na pandemia e na arte. À Julia Kieling por me permitir estar junto na sua pesquisa de mestrado, por sempre me ensinar, por acreditar em mim e por toda ajuda que nem sei se um dia terei como retribuir.

Aos companheiros de “A História de Um Lugar”, Rafa Lima, Lu Trento, Rafa Schmidt e Leonardo Pradella.

Ao Juliano Rabello, Gesiele Vieira e a Escola de Arte Efêmeros por confiarem no meu trabalho.

Ao Grupo de Teatro Borogodó, trabalhar com quem admiramos e acreditamos não tem preço.

À todas as professoras e a todos os professores que cruzaram meu caminho, sem dúvida, carrego um pouquinho de cada um de vocês comigo.

À minha incrível orientadora, que me ajudou não somente no âmbito acadêmico, mas também na vida e que, com generosidade e paciência, me trouxe aprendizados que guardarei para sempre.

À Michele Darolt, Nicole Textor, Dillan Santiago e Débora dos Santos por me permitirem recolher seus depoimentos emocionantes e compartilhar suas histórias.

Ao presidente Lula e à presidenta Dilma por suas políticas de ações afirmativas que me permitiram ingressar na universidade.

*“A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa para além do que vimos sendo.”*

*(Jorge Larrosa)*

## **RESUMO**

O trabalho intitulado “o fazer teatral como propulsor de autoconhecimento” é um memorial reflexivo sobre o projeto “Teatro para Todos” desenvolvido na cidade de Esteio/RS. Serão analisados os impactos da experiência teatral na vida dos participantes e na comunidade esteiense. E também, a relevância desta experiência na minha formação como professora de teatro.

Palavras-chave: Teatro. Ensino de Teatro. Comunidade.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Registro da minha primeira apresentação de teatro.....	<b>10</b>
<b>Figura 2</b> - Artes Gráficas do projeto "Teatro para Todos". .....	<b>18</b>
<b>Figura 3</b> - Trecho de matéria no site da Prefeitura de Esteio. ....	<b>35</b>
<b>Figura 4</b> - Registro do esquete “Balbúrdia” apresentado na "16º Mostra do Projeto Teatro para Todos". .....	<b>36</b>
<b>Figura 5</b> - Charge do artista conhecido na internet como “caixa de remédios”. .....	<b>37</b>
<b>Figura 6</b> - Registros de apresentações do projeto "Teatro para Todos" em 2019. ....	<b>40</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO I – O que é o “Teatro para Todos?” .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO II – Depoimentos .....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO III – Análise reflexiva dos depoimentos .....</b>	<b>26</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu antes mesmo de eu ingressar na universidade. Ele surge das experiências que somei desde a primeira vez que pisei em um palco de teatro. São elas que constituem quem sou hoje e quem serei amanhã.

Reconhecendo a enorme importância e influência que o teatro possui em minha vida, decidi recolher e analisar depoimentos de pessoas que participaram do projeto “Teatro para Todos”<sup>1</sup>, (do qual fui aluna e, posteriormente, professora) para investigar de que maneira este projeto impacta na vida delas. Para tanto, considero pertinente começar contando um pouco da minha trajetória de vida e como me tornei aluna, atriz e professora.

Meus pais trabalhavam em uma metalúrgica, saíam muito cedo da manhã e voltavam tarde da noite, quase não nos víamos. Quando meu pai não chegava tarde por conta do curso técnico, ele e minha mãe ficavam até tarde na empresa para fazerem serões<sup>2</sup>. Meus pais foram meus primeiros professores, me ensinaram desde muito cedo a importância do trabalho, dos estudos e sobre as lutas de classe.

Meus avós cuidavam de mim para que meus pais pudessem trabalhar. Ouvindo suas histórias, de como era difícil a vida no interior, como saíram de lá e os desafios que encontram na cidade, aprendi sobre superação e gratidão. Para me distrair durante o dia, enquanto não chegava a época de ir à escola, eu assistia filmes. Eu amava aquele aparelho de VHS que meus pais com muito sacrifício compraram, mas que quase não podiam aproveitar por conta da rotina exaustiva de trabalho. Eu recriava as cenas dos filmes e ficava horas imaginando meu próprio filme, acredito que tenha começado aí minha paixão pela representação.

Meu sonho era ir para a escola, não via a hora de aprender a ler, escrever e fazer amigos. Não havia muitas crianças onde eu morava e eu convivia principalmente com adultos. Porém, minha experiência na escola não foi das melhores. Durante quase todo o período escolar eu sofri bullying<sup>3</sup>, sobretudo por conta dos meus cabelos cacheados e por ser tímida. Essa situação afetou muito a minha autoestima e me reprimiu para desenvolver relações, desse modo, encontrava refúgio nos filmes, nos livros e na minha imaginação.

---

<sup>1</sup> Projeto de teatro desenvolvido na cidade de Esteio/RS que será apresentado no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>2</sup> Refere-se a trabalhos que são executados fora do horário de expediente e pelos quais os funcionários recebem um valor adicional ao salário.

<sup>3</sup> Refere-se a atos de violência física ou verbal praticados por um ou mais agressores, de forma intencional e recorrente. Frequentemente relatados em ambiente escolar entre crianças e adolescentes.

Com 10 anos comecei a frequentar a igreja católica, fui coroinha<sup>4</sup> e participava do grupo de jovens da comunidade. Quando não tive mais idade para continuar nessa função, me tornei coordenadora do grupo, preparava os encontros, fazíamos jogos, brincadeiras, dinâmicas e claro, estudávamos as liturgias.

Ao cursar a cadeira de Metodologia do Ensino de Teatro<sup>5</sup> a professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos<sup>6</sup> propôs que fizéssemos um memorial, contei essa história na aula e ela pontuou que, talvez tenha sido essa a minha primeira experiência com a docência. Ao fazer esse exercício de memória pude encontrar diversos prenúncios da professora e da atriz que me tornaria mais tarde.

No capítulo a seguir explicarei como foi meu primeiro contato com o teatro, mas posso adiantar que foi extremamente transformador. Ao encontrar o teatro, senti que havia encontrado o meu lugar no mundo, a minha “galera”. Durante as aulas eu sentia que podia ser eu mesma, as minhas características, ideias e opiniões eram valorizadas. Mas não foi fácil. Daquela época até hoje, sempre é um desafio superar a timidez e a baixa autoestima. Ainda assim, foi por conta do teatro que passei a ter mais autonomia e confiança, aprendi a não me levar tão a sério, aprendi a beleza do “ridículo” e enfrentava o bullying com humor e sagacidade, desarmando meus opressores.



Figura 1 - Registro da minha primeira apresentação de teatro.  
Fonte: arquivo pessoal.

---

<sup>4</sup> Função destinada às crianças ou adolescentes para auxiliarem nos ritos de celebração da missa.

<sup>5</sup> Disciplina do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>6</sup> Vera Lúcia Bertoni dos Santos é doutora em educação e professora no Departamento de Arte Dramática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aos poucos fui me introduzindo em diversas turmas de teatro e frequentava quase que diariamente a Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya<sup>7</sup>, em Esteio, onde ocorriam as aulas.

Particpei também do “Grupo Municipal de Teatro Bah!” no qual vivenciei uma intensa experiência de grupo. Fizemos várias montagens e apresentações, viajamos para diversas cidades do estado para participar de festivais de teatro, recebemos prêmios, elogios e críticas. Nos ocupávamos de todos os processos de uma montagem teatral: cenografia, iluminação, trilha sonora, figurino, maquiagem, divulgação, produção e qualquer outra demanda que pudesse aparecer.

Lembro que nessa época, quando participávamos de festivais de teatro fora da cidade, proferíamos com orgulho o lema: “Esteio tem teatro sim!”. Era como um grito de guerra (ou de paz).

Ao descobrir que existia uma graduação em teatro, não pensei duas vezes para decidir que seria nesse curso que me inscreveria no vestibular. Minha família não recebeu esta notícia muito bem, pois acreditavam que o teatro era apenas um “*hobbie*”, uma atividade passageira.

Hoje eu compreendo completamente as preocupações dos meus pais, pois eles trabalhavam muito para que eu pudesse estudar e conseguir uma profissão que me garantisse uma qualidade de vida e estabilidade financeira. Nesse momento aprendi que viver de arte é um privilégio concedido a poucos. Permanecer no teatro e escolher trabalhar com ele foi, para além de uma teimosia, um ato de resistência.

Eu necessitava resistir à lógica capitalista. Eu desejava ultrapassar as opressões sociais, nas quais é esperado que os ricos ocupem espaços de arte, de diversão e entretenimento, e que os pobres se restrinjam ao trabalho duro e à subserviência.

Nessa época, bem antes de ingressar na universidade, eu já havia sido introduzida ao Teatro do Oprimido<sup>8</sup>. Eu estava tomada pela vontade de usar o teatro como ferramenta de transformação social. O livro “Jogos para atores e não atores” de Augusto Boal<sup>9</sup>, foi meu primeiro contato com um livro teórico de teatro, desde então as palavras de Boal sempre me inspiraram fortemente:

Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e o nosso tempo. O nosso desejo é o de melhor conhecer

---

<sup>7</sup> Casa de cultura localizada no centro da cidade de Esteio/RS na Rua Padre Felipe, 900. Inaugurada em 23 de setembro de 1994, é um importante edifício da cidade.

<sup>8</sup> Uma forma teatral criada por Augusto Boal que pretende através de um modelo cênico-pedagógico desenvolver a conscientização social.

<sup>9</sup> Augusto Boal (1931-2009) foi um teatrólogo, dramaturgo, ensaísta e diretor de teatro brasileiro, reconhecido mundialmente por suas contribuições.

o mundo que habitamos, para que possamos transformá-lo da melhor maneira. O teatro é uma forma de conhecimento e deve ser também um meio de transformar a sociedade. Pode nos ajudar a construir o futuro, em vez de mansamente esperarmos por ele. (BOAL, 2014, p. 11).

Me inscrevi três vezes no vestibular para Licenciatura em Teatro. Passava nas provas específicas<sup>10</sup>, mas não nas provas teóricas, até que, em 2014, ingressei na universidade. Foi um momento indescritível para mim e minha família. Nesta ocasião, não importava mais o curso que eu havia escolhido, mas sim que eu, egressa de escola pública, havia passado no vestibular de uma universidade pública federal.

Apesar de ter ingressado para cursar uma licenciatura, a vontade de ser professora – diferentemente do meu desejo de ser atriz, que começou muito cedo – demorou para surgir. Inicialmente, eu não pretendia dar aulas, porém fui motivada ao perceber a paixão com que a professora Vera Lúcia Bertoni dos Santos falava sobre a licenciatura e o brilho nos olhos dos colegas que já lecionavam. Posteriormente, identifiquei em várias passagens da minha vida, indicativos de que me tornaria professora.

Vivenciei a docência em diversas ocasiões. Ao preparar ensaios, ao dirigir colegas, no Mais Educação<sup>11</sup>, no PIBID<sup>12</sup>, nos estágios obrigatórios e também como oficina voluntária no CASEF<sup>13</sup>. Nestas ocasiões tive erros e acertos, inúmeras dúvidas, crises e um enorme aprendizado. Porém, foi retornando mais tarde, ao mesmo lugar onde comecei a fazer teatro, que me descobri professora.

Ao recolher os depoimentos, que serão apresentados no segundo capítulo deste trabalho, percebo o quanto a minha história se aproxima, de diversas maneiras, das narrativas dos participantes. O teatro impacta na minha vida de todas as maneiras possíveis.

Eu pude me desenvolver não somente como atriz ou como professora, mas como pessoa, como mulher, como cidadã. Aprendi sobre coletividade, solidariedade e amizade. Criei relações e desenvolvi afetos. Sendo aluna aprendi teatro, com o teatro me tornei atriz e professora, com meus alunos aprendi a ser professora e sendo professora aprendi a ser aluna e atriz. Me transformei e me constitui à medida que também construía e descobria essas versões de mim. São essas transformações que me impulsionaram nesta pesquisa.

---

<sup>10</sup> São provas de caráter classificatório, realizadas antes das provas teóricas dos vestibulares e examinam se os candidatos possuem habilidades específicas necessárias para determinados cursos de graduação.

<sup>11</sup> Programa do governo que visa a ampliação da jornada escolar, oferecendo aos alunos diversas oficinas gratuitas no turno inverso das aulas regulares.

<sup>12</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

<sup>13</sup> Centro de Atendimento Socioeducativo Feminino.

## **OBJETIVOS**

- 1.** Apresentar o projeto “Teatro para Todos” desenvolvido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer no município de Esteio.
- 2.** Recolher e apresentar depoimentos de alunos e professores que passaram pelo projeto “Teatro para Todos”.
- 3.** Analisar os depoimentos buscando refletir quais foram os impactos e transformações que o projeto “Teatro para Todos” proporcionou para alunos, professores e comunidade.

## CAPÍTULO I

*“Todo mundo atua, age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano, e pode ser praticado na solidão de um elevador, em frente a um espelho, no Maracanã ou em praça pública para milhares de espectadores. Em qualquer lugar... até mesmo dentro dos teatros.”*

*(Augusto Boal)*

## O que é o “Teatro para Todos”?

Neste capítulo, apresentarei o projeto “Teatro para Todos”, desenvolvido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer na cidade de Esteio/RS, que oferece oficinas gratuitas de teatro para diversas faixas etárias e onde fui professora contratada no ano de 2019.

Durante minha pesquisa tive dificuldades para encontrar dados oficiais. Grande parte das informações que irei compartilhar aqui foram recolhidas do blog “Teatro em Esteio” criado por Michele Darolt, idealizadora do projeto, professora e diretora de teatro do município. Tê-lo encontrado foi mais do que reconhecer uma importante fonte histórica do fazer teatral na cidade, foi também uma viagem nostálgica, já que me encontrei como aluna em diversas fotos e publicações.

Além disso, utilizarei informações e trechos de entrevista concedida a mim pela professora Michele Darolt. No segundo capítulo deste trabalho, constam outras partes transcritas desta entrevista.

Acredito que a história do projeto “Teatro para Todos” se cruza com minha própria história e trajetória no teatro, pois temos quase o mesmo tempo de “vida teatral” e pude acompanhar de perto seu nascimento. Ao pesquisar sobre o projeto e sua fundação, faço um exercício de relembração, encontro nas minhas memórias algumas referências para esse levantamento.

Aos 13 anos de idade fui tomada por um desejo repentino de ser atriz. Não sabia por onde começar para concretizar esse desejo, mas havia visto na televisão muitas entrevistas com atores e atrizes em que eles e elas contavam ter começado a carreira artística através do teatro, então decidi procurar por cursos e oficinas. Em tal procura, me frustrei com duas dificuldades: os cursos eram caros e em sua maioria em Porto Alegre. Além de meus pais não terem dinheiro suficiente para arcar com custos tão altos, não permitiriam que eu enfrentasse uma viagem de ônibus e trem até outra cidade para fazer teatro, e isso limitou bastante minhas possibilidades.

Assim como o projeto “Teatro para Todos”, cresci em Esteio, uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Apesar de encontrar-se geograficamente próxima à capital, essa possui ares e costumes das cidades pequenas de interior: é o típico lugar onde a sensação é de que todos se conhecem, e como uma cidade satélite, muitos moradores saem cedo da manhã para trabalharem nas cidades vizinhas, voltando apenas ao final do dia.

Esteio é um pequeno município com área total de 27,676 km<sup>2</sup>, sendo considerada a menor cidade em território do estado e com população de 83.352 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2021.

Apesar de seu tamanho, a cidade tem uma interessante cena cultural, fica em Esteio a primeira Casa da Cultura Hip-Hop do estado, é também palco do tradicional Rock na Praça<sup>14</sup>, tendo recebido diversos artistas de importância nacional e internacional. Foi e ainda é casa de diversos festivais de música, corais, teatro e dança. Ainda que a cidade possua uma promissora vida artística, eu sentia medo de não encontrar ali a possibilidade de fazer teatro.

Certo dia, descobri que na Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya, localizada no centro da cidade, eram oferecidas oficinas gratuitas de teatro. Apesar de ser meio distante de onde eu morava, por não exigir mensalidade dos alunos e ser em Esteio, essa opção era mais acessível e possível do que as outras que eu havia encontrado e, por isso, me matriculei. Hoje, ainda lembro das sensações experienciadas por mim na primeira aula. Sentia um frio na barriga por não saber o que esperar e estava impressionada pela vista de cima do palco para aquele auditório/teatro, aparentemente imenso e indecifrável, como algo a ser desvendado.

A professora na época era Aline Grisa. Ela possuía outras turmas além da que eu participava e também era responsável pelo “Grupo Municipal de Teatro Bah!”, que havia sido criado anos antes por alguns alunos e pela professora e atriz Gabriela Grecco, no período em que a mesma lecionou na cidade. Mais tarde a professora Aline Grisa precisou ausentar-se para terminar seu mestrado e passamos um período em hiato.

Depois de meses de uma angustiante espera para saber se as aulas voltariam, recebi um telefonema da Casa de Cultura informando que as oficinas de teatro retornaram e agora com a professora Michele Darolt, dentro de um projeto chamado “Programa Integrado de Inclusão Social”, que contava com várias modalidades de oficinas espalhadas por diversos bairros da cidade.

Nessa época, em 2009, haviam apenas 20 vagas para a oficina de teatro, que foram preenchidas em menos de uma hora. Formou-se uma grande fila na frente da Casa de Cultura, sendo necessário criar uma lista de espera, tamanha foi a demanda. Segundo o que relata a professora Michele Darolt, ao perceber a intensa procura pelas aulas, o episódio despertou nela um novo olhar acerca do fazer teatral na cidade.

No mesmo ano, o então Secretário de Cultura Rafael Figliero e a Coordenadora da Casa de Cultura Ângela Ruas procuraram a professora e propuseram a ela oferecer aulas de teatro particulares a baixo custo, sem ligação com o “Programa Integrado de Inclusão Social”, e assim surgiram novas turmas com mensalidades que custavam 20 reais.

---

<sup>14</sup> É um festival independente de música que acontece na praça Coração de Maria no centro de Esteio. Em 2022 foi declarado como patrimônio cultural da cidade.

Percebendo que a procura pela oficina gratuita era expressivamente maior do que pelas oficinas pagas, no ano de 2010 a professora procurou o Secretário de Cultura e manifestou o desejo de dedicar sua carga horária de professora de artes cênicas concursada no município, da Secretaria de Educação para a Secretaria de Cultura, e assim desenvolver um projeto que oferecesse à comunidade aulas gratuitas de teatro, e como consequência disso, foi-se então escrito e desenvolvido o projeto “Teatro para Todos” que teve seu início efetivo no ano de 2011. Em relação ao nome e criação do projeto a professora Michele Darolt afirma:

O nome do projeto foi o meu desejo que todos tivessem acesso, qualquer pessoa que tivesse o desejo de fazer, de experimentar a arte teatral, pudesse ser contemplada então nesse projeto. Por isso que o nome é Teatro para Todos [...] foi assim que surgiu, foi uma coisa do desejo de uma professora de colocar ao alcance de qualquer pessoa que tivesse o desejo de experimentar a arte teatral. (DAROLT, 2022).

Desde o seu lançamento o projeto também teve muita adesão, foram oferecidas 20 vagas em cada turma, totalizando 60 vagas, que foram rapidamente preenchidas sendo necessária a criação de uma outra lista de espera. O projeto oferecia oficinas de teatro gratuitas para diferentes faixas etárias e, na época, contava com três turmas que mais tarde foram nomeadas pelos próprios alunos: “Miniatores” (dos 6 aos 10 anos de idade), “Amadores do Palco” (dos 11 aos 16 anos de idade) e “Dá Pena... De Não Ver!” (a partir dos 17 anos de idade).

A ideia era que as aulas acontecessem no contraturno escolar, “Miniatores” pela manhã, “Amadores do Palco” pela tarde e “Dá Pena... De Não Ver!” à noite, duas vezes por semana com 1h30min de duração cada. A proposta da professora baseava-se na concepção de Augusto Boal de que todos podem fazer teatro e, segundo a mesma, seu foco era no desenvolvimento pessoal de cada aluno com uma abordagem mais terapêutica da arte, para além da aprendizagem de noções teatrais.

Para os alunos que quisessem se aprofundar nos estudos da cena, era oferecida a possibilidade de participar do “Grupo Municipal de Teatro Bah!” que havia sido assumido por Michele no ano anterior, com foco em montagens de espetáculos. Apesar disso, as turmas manifestaram a necessidade e o desejo de estar em cena e realizar apresentações. A professora atribui a essa reação dos alunos às metodologias escolhidas por ela para pautar seu trabalho especialmente a de Augusto Boal e Viola Spolin<sup>15</sup>. Sobre este aspecto ela reflete:

---

<sup>15</sup> Viola Spolin (1906-1994) foi uma teatróloga e diretora de teatro estadunidense. Desenvolveu os jogos teatrais e deixou uma importante pesquisa acerca do teatro improvisacional.

Como a gente vai trabalhando essas questões do Boal, e questões de fortalecimento de grupo, as pessoas não ficavam com aquele pânico de palco. É uma coisa que eu sempre pensei foi na potencialidade da pessoa, não é porque é o mais falante que vai ter talvez um papel de destaque. Eu gostava mesmo era de ver o desabrochar, aquelas pessoas tímidas que quase não falavam, ao longo das aulas, do processo, dos encontros, iam se desenvolvendo e desabrochando e me surpreendendo, eu acho que isso era o mais bonito desse projeto. (DAROLT, 2022).

Assim, deu-se início às “Mostras” do projeto “Teatro Para Todos” com duas edições por ano, uma na metade do ano e outra ao final. Os anos de 2013 e 2014 foram os únicos em que aconteceram apenas uma edição da “Mostra”. Em 2013 devido ao auditório da Casa de Cultura estar interditado para passar pelo PPCI<sup>16</sup> dos bombeiros e em 2014 por conta da licença maternidade da professora Michele Darolt.

Ao longo do tempo, o projeto sofreu algumas alterações. Percebendo a necessidade de mais uma subdivisão etária, uma delas foi a criação de uma nova turma para adolescentes com idades entre 14 a 17 anos, chamada posteriormente de “Encena”. Para atender a enorme demanda por vagas, as turmas também foram duplicadas em A e B, com um encontro de 1h30min por semana cada. Em 2018 a professora Michele Darolt precisou retirar-se do projeto, quando assumiu a professora Nicole Textor.



Figura 2 - Artes Gráficas do projeto “Teatro para Todos”.

Em 2019, fui convidada para ministrar as oficinas do projeto. Devido a indicação da professora anterior, Nicole Textor, o secretário de cultura Rafael Figliero fez o convite. Logo,

<sup>16</sup> Plano de Prevenção e Proteção Contra Incêndio.

em março do mesmo ano assumi 8 turmas de teatro: “Miniatores A e B”, “Amadores do Palco A e B”, “Encena A e B” e “Dá Pena... De Não Ver! A e B”.

Foram duas semanas de matrículas presenciais e, mais uma vez, rapidamente as vagas se esgotaram. As aulas aconteciam para as turmas “A” nas quartas-feiras e para as turmas “B” nas sextas-feiras, todas com 1h30min de duração cada, totalizando 12 horas/aula semanais. As oficinas chegaram a ultrapassar o número de 160 alunos. Mesmo com algumas desistências ao longo do ano, o projeto ainda assim teve um número expressivo de participantes.

Na época eu já era graduanda do curso de Licenciatura em Teatro pela UFRGS<sup>17</sup>, com alguma experiência na docência, porém nunca antes num projeto daquele tamanho e expressividade. Por isso, estava assustada com a dimensão da responsabilidade que estava assumindo e questionava minhas próprias capacidades como professora. Porém, ao regressar para aquele ambiente da Casa de Cultura, que anos antes foi como uma segunda casa para mim, surgiu uma sensação de familiaridade e, até, de conforto.

Ao ingressar como professora eu só pensava em conquistar nas aulas um ambiente seguro, amigável e propício ao desenvolvimento dos participantes. Desejava que a experiência dos meus alunos fosse tão transformadora quanto a minha o foi. Num projeto com essa proporção, com mais de 160 alunos, que procuraram as aulas pelos mais diversos motivos, percebi que não podia me preocupar unicamente em transmitir noções teatrais.

O projeto não era dividido em iniciantes, intermediário e avançado como em muitos outros cursos e oficinas. Havia alunos que começaram crianças no Miniatores, que agora estavam no Encena como adolescentes. Na turma de adultos, alguns participavam do projeto há mais de três anos. Entendi que era necessário criar uma experiência de grupo, de criação, formação e desenvolvimento.

As aulas ocorreram em variados espaços da Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya incluindo o auditório/teatro. Houveram duas “mostras” de esquetes teatrais, a primeira nos dias 18 e 19 de julho de 2019 com apresentações de quatro turmas em cada noite e a segunda “mostra” de esquetes ocorreu no dia 22 de novembro de 2019 com as oito turmas apresentando na mesma noite, totalizando 16 apresentações de esquetes no ano. Alguns textos foram adaptados por mim de outros autores, mas em sua maioria as dramaturgias foram criadas a partir de improvisações feitas em aula e dos desejos de cada turma. E assim concluímos o ano, com ótimos resultados e uma enorme vontade de prosseguir com o trabalho que estávamos desenvolvendo.

---

<sup>17</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Iniciei o ano seguinte, 2020, entusiasmada e cheia de ideias. Iria propor para a Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer algumas alterações que havia pensando para o projeto. Acreditava que poderia contribuir usando os conhecimentos adquiridos através da minha experiência no ano anterior. Porém, na mesma semana em que assinaria o contrato para dar continuidade ao trabalho, instaurou-se a quarentena, devido à pandemia de Coronavírus. Na época, não compreendia o que aquilo tudo significava e não imaginei que perduraria por tanto tempo.

A Casa de Cultura fechou, assim como escolas, universidades, comércios, entre outros. O projeto Teatro para Todos foi suspenso naquele ano e no ano que se seguiu. Com o tempo muitos pais, mães e alunos me procuraram para saber se haveria aulas de teatro online, relatando que estavam ansiosos pelo retorno das aulas e que já estavam sentindo muita falta.

Assim como o projeto, minha contratação também foi interrompida. E por ser uma iniciativa da prefeitura, eu não possuía autonomia para tomar decisões. Consequentemente, seria impossível para mim executar e prosseguir com o projeto. Fiz algumas tentativas de encontros online de forma independente com alguns alunos adultos, porém não seguiu adiante.

Em 2022 o projeto retorna com algumas alterações. O professor Luiz Antônio Teixeira dos Santos é quem assume o projeto e, atualmente, as turmas foram divididas como “jovens” (dos 11 aos 19 anos de idade), “adultos” (dos 20 aos 59 anos de idade) e “idosos” (a partir dos 60 anos), com dois encontros semanais cada.

## CAPÍTULO II

*“Descobrimo o teatro, o ser se descobre humano.  
O teatro é isso: a arte de nos vermos a nós  
mesmos, a arte de nos vermos vendo!”*

*(Augusto Boal)*

## Depoimentos

Neste capítulo apresentarei breves depoimentos de pessoas que participaram do Projeto Teatro para Todos.

Como um guia para os depoimentos, formulei três questões norteadoras: 1) O que levou você a participar do Projeto Teatro para Todos; 2) Como o Projeto Teatro para Todos impactou na sua vida; 3) Você percebe alguma transformação causada em você ou nas suas relações a partir dele? Caso sim, quais.

Nos trechos a seguir poderemos acompanhar os testemunhos dos mesmos. Para tanto, gostaria de fazer algumas considerações: 1) A grafia em itálico representa as palavras dos participantes; 2) As informações entre parênteses foram escritas por mim para informar ao que se referiam os enunciadores durante suas falas; 3) Todos os participantes autorizaram o uso das informações por eles prestadas; 4) Optei por fazer uma transcrição adaptada dos depoimentos em áudio. Portanto, estas transcrições não consideram respirações, pausas, oscilações, repetições e vícios de fala. As ocorrências consideradas irrelevantes foram suprimidas sem comprometer os argumentos dos interlocutores. Logo, foram mantidos de maneira objetiva os trechos mais importantes dos relatos.

Suzane Rodrigues Cardoso

(32 anos, atriz, mc, professora e produtora cultural. Participou do projeto “Teatro para Todos” em 2011)

*Eu comecei no “Teatro para Todos” porque eu fiquei com vontade de fazer teatro depois de assistir uma peça. A peça era com a Michele (criadora do projeto e professora na época), eu conversei com ela ao final, perguntando se eu poderia fazer. Era uma vontade que já estava lá e, naquele dia, foi cutucada. Eu me emocionei muito e fiquei com vontade de proporcionar para as pessoas a mesma coisa que tinham me proporcionado naquele dia. (o projeto) Foi convidativo para mim por ser gratuito, por ser acessível e estar na minha cidade. Se eu quisesse fazer teatro, teria que ir para Porto Alegre pra fazer uma oficina, um curso, alguma coisa e, ali, foi uma primeira oportunidade acessível que eu encontrei na minha cidade. Impactou minha vida pra sempre, de uma maneira gigantesca. Moldou o caminho da minha vida. Eu nem sei o que eu estaria fazendo hoje se não tivesse entrado nesse projeto. Eu acredito que tudo que eu fiz até hoje, depois dessa época, foi em função desse primeiro passo. O “Teatro para Todos” pra mim, foi o início de tudo. Eu sempre soube que eu queria ser professora,*

*sempre foi uma vontade que eu tinha desde criança... um sonho, mas eu não sabia de quê. Por muito tempo eu achei que queria alfabetizar, porque eu gostava de uma coisa mais divertida, mais lúdica. Eu pensei em diversas possibilidades, e aí por um tempo eu fiquei fora da possibilidade de dar aula porque era uma coisa que exigia uma formação, que talvez naquele momento eu não estivesse disposta. Eu estava tentando caminhar por um outro caminho, que nem era o meu. Quando aconteceu o “Teatro para Todos” eu olhei novamente para a Michele e pensei assim: “Qual faculdade ela fez pra ser a professora que ela é agora? Porque talvez eu queira dar esse tipo de aula, acho que é isso”. Então eu perguntei pra ela, e ela me falou “tem faculdade de licenciatura em teatro na UFRGS”. Quando eu conversei com ela era por volta de julho, em setembro eu fiz a minha inscrição (para o vestibular) e em outubro eu estava fazendo a prova específica. Foi um impacto gigantesco, impactou meu curso profissional. E foi muito legal também poder fazer o comparativo de como era o teatro fora do “Teatro para Todos”. Existem as críticas. Como foi o meu primeiro momento no teatro, acho que ele te desperta pro “para e olha”. A gente vive tão no automático que quando tu faz teatro tu tem que tirar um tempo pra respirar, observar, observar o outro, ouvir, o jogo de cena pede isso. É uma coisa que a gente precisa estar praticando o tempo todo em sala de aula: parar, olhar, escutar, jogar. Acho que foi uma das coisas que mais mudou pra mim, passar a perceber as pessoas de um ponto de vista mais empático. Acho que quando a gente pensa em interpretar outras vidas e viver outros personagens a gente passa a considerar outras realidades, outras dores, outras experiências. Foi nesse sentido que mudou a relação que eu tenho com as pessoas, o “Teatro para Todos” e o teatro, conseqüentemente, trouxeram isso para mim. Agora falando especificamente do projeto, fazendo um recorte mesmo, eu estava com pessoas que estão ali por outros motivos. A maioria não quer viver de arte, boa parte faz outras coisas durante o dia e vai ali (na aula) como quem vai na academia fazer zumba, e viver com essas pessoas e viver essas outras realidades foi bem legal. Perceber que pra mim aquilo era uma questão de vida ou morte, mas para outras pessoas era só uma atividade pós serviço. Impactou inclusive na minha percepção de quem tá à minha volta.*

Dillan Santiago

(18 anos, estudante. Participou do projeto “Teatro para Todos” em 2019)

*Desde de criança, lembro de ter uma vontade muito grande de aparecer. Sempre quis aparecer na tv, teatro, e essas coisas sempre me chamaram muito a atenção. Eu estava terminando o ensino fundamental, quando soube que alguns amigos participavam de uma*

*oficina na casa de cultura e tive muita vontade (de participar). Na época quem ministrava era a Nicole (professora que estive no projeto no ano de 2018) e eu queria muito, só que nunca surgia a oportunidade. Por vezes as inscrições haviam acontecido um tempo antes e não estavam mais abertas. Quando virou o ano, assim que eu fiquei sabendo que iriam abrir novas oportunidades, eu fui correndo fazer a minha inscrição. Eu lembro daquele dia como se fosse ontem. Foi basicamente por isso que eu comecei a fazer teatro, porque eu sempre senti que havia um mundo de possibilidades, é isso que o teatro proporciona pra gente. Tem mundos inteiros a serem explorados. Eu sempre fui uma pessoa um pouco desinibida, sempre fui tagarela. Eu lembro que na época eu estava fazendo terapia na psicóloga e teatro, e eu senti que as duas (coisas) impactavam muito pra mim, era quase como um complemento. Era uma terapia médica e uma terapia artística. Foi incrível, o resto de inibição que eu tinha foi embora, lavei, lavei, lavei e foi lá pelo ralo. É como se tivessem caído muros que estavam tapando coisas e hoje eu enxergo muito mais além do que enxergava antes. Eu tinha muita dificuldade em associar relações. Eu sempre me senti como o personagem secundário da minha própria história, como um observador, eu não estava no centro. Eu sempre me sentia dependente de relações para me sentir bem, aí depois eu entendi que eu era o personagem principal, sabe? Isso começou a fazer muito sentido, muita coisa que eu aprendi contigo (Cláudia) no teatro, hoje, quando tenho oportunidade replico. Eu acho isso incrível, mudou muita coisa.*

Débora dos Santos da Silva

(36 anos, designer gráfico. Mãe de aluno que participou do projeto “Teatro para Todos” em 2018 e 2019)

*A gente estava procurando uma atividade para o Lucas, independente do que fosse, para que ele distraísse a cabeça, se movimentasse, saísse de casa. Então a gente foi primeiro pro futebol que é o mais clássico e o mais fácil achar pra menino, infelizmente. Ele não se identificou e a gente desistiu. Depois disso ele foi pro balé, que era algo que ele queria muito também, mas ele odiou. O pai dele viu sobre o teatro, colocamos (nas aulas) e foi amor à primeira vista, se conectou muito e, de primeira, já se apaixonou, foi incrível. A gente botou (nas aulas de teatro) em busca de algo que pudesse usar a disciplina, movimentar a cabeça, algo que ele pudesse realmente gostar e que pudéssemos incentivá-lo a continuar fazendo. Como foi uma paixão à primeira vista, quem estava perto dele notou, ele se transformou. Se eu não me engano era terça-feira de manhã que ele fazia, e na segunda-feira à noite ele falava:*

*“tem teatro, tem teatro”. Se tornou a principal atividade do dia a dia dele. Quando tinha apresentação, ele andava com os papéis com as falas pra cima e para baixo, onde ele parava com alguém, ele treinava. Quando tinha que arrumar a fantasia ele ficava junto, participava de tudo. Foi realmente uma virada, era lindo de ver. Também uniu muito as pessoas que estavam em volta por conta da paixão dele. Por exemplo, tinha uma menina da farmácia que morava perto da nossa casa, não tínhamos um vínculo familiar, mas de tanto ouvir ele falar daquilo ela foi na apresentação dele. A família também, muitas pessoas da família foram (às apresentações) e são pessoas que não frequentam teatro e não teriam essa chance, de ter esse contato direto, mas acabavam indo assistir as apresentações. Quando entrou a pandemia foi o que mais deixou ele triste. É uma coisa que ele sente muito até hoje (depois da pandemia as aulas de teatro para a faixa etária dele não retornaram). Fazem dois anos já que ele está sem (as aulas) e fala muito. Só a paixão dele já responde tudo, ele realmente achou um sentido pra fazer a atividade da escola, senão eu já falava: “ó o teatro” e ele já fazia. Poderíamos tirar qualquer coisa dele, menos o teatro. Foi uma paixão linda dele que, infelizmente, foi interrompida.*

Nicole Textor

(24 anos, atriz, professora e produtora cultural. Ministrou as oficinas do Projeto Teatro para Todos em 2018)

*O maior desafio foi com certeza fazer o projeto ser realmente pra todos. O mais recompensador e o que me motivava todos os dias a estar ali. Carregar esse nome tem um peso que deve ser cumprido. Mesmo não tendo nenhuma qualificação especial sobre inclusão, haviam alunos em TODAS as turmas com alguma necessidade especial, autismo, TDAH, síndrome de down entre outras que nunca foram “laudadas”, mas existiam. Como fazer, sem suporte, com que as aulas fossem para todos realmente? Na prática fui me descobrindo como professora de um projeto tão essencial pra comunidade esteiense. Além de, é claro, terem outros micros desafios como produzir “mostras” semestrais com esquetes inéditas de todas as 8 turmas somente com auxílio de amigos e/ou alunos que se disponibilizavam a ajudar na organização das noites de apresentação. Não havia muito suporte técnico durante os ensaios e, com muito esforço, havia nas apresentações, mas também comigo tendo que operar som e luz, enfim, foi uma experiência única! E incrível! Me conheci como professora-artista ali. Vim de uma cidade grande, Pelotas, onde não tinha acesso a projetos culturais, mas já comecei a*

*residir na cidade de Esteio com minha eterna vontade de “teatrar”. Então, depois de uns 3 anos morando aqui, ouvi dizer que existia a Casa de Cultura de Esteio e que lá tinha teatro de graça! Corri com minha mãe pra tentar vaga, mas fomos orientadas a deixar contato que quando abrissem vagas novas, nos avisariam. Em 2012, quando abriram as inscrições para o novo ano, fui a primeira a estar lá com minha mãe pra ela assinar minha ficha. Me encantei com tudo que a Michele Darolt falava sobre como funcionava o projeto. Ali que comecei como educanda e que, 5 anos depois, retornei como Educadora Social. Fui Oficineira do Projeto que me cedeu o primeiro palco pra “teatrar”. A partir do encontro com o teatro vivo em constante transformação junto da sociedade. Me reconheci como cidadã, como mulher, como militante, como professora-artista, como gente. Vivo me reconhecendo, me redescobrimo e tudo isso é possível por conta dessa outra forma de olhar o mundo que a experiência teatral te mostra que existe. Todos os caminhos que percorri até hoje tem início lá naquele projeto que vivi com toda minha gana de existir nesse mundo e participar ativamente dele. O projeto “Teatro Para Todos” vive em mim em sua forma mais pura.*

Michele Darolt

(Atriz e professora de teatro. Criadora do projeto “Teatro para Todos”)

*No final de 2010 eu busquei referências em Augusto Boal, Viola Spolin e em todas as didáticas e metodologias que eu conhecia. Estruturei o projeto “Teatro para Todos”, tendo essa divisão de turmas por faixa etária: dos 6 aos 10 anos de idade, dos 11 aos 16 anos de idade e a partir dos 17 anos de idade. Sempre pensei na questão do contraturno escolar, portanto, a turma dos 6 aos 10 anos de idade acontecia no período da manhã pois geralmente, nesta faixa etária, as crianças estudam a tarde, a turma dos 11 aos 16 anos acontecia no período da tarde tendo em vista que esta faixa etária estuda pela manhã e a turma a partir dos 16 anos acontecia à noite para contemplar os adultos que trabalham o dia todo. Estruturei o projeto desta forma, me baseando nas questões do Boal que dizem que qualquer pessoa pode fazer teatro e entreguei nas mãos do Secretário de Cultura Rafael Figliero. Eu só fui ter a resposta no final de 2011, onde a Secretaria de Educação permitiu minha cedência para a Secretaria de Cultura e ali começou efetivamente o projeto “Teatro para Todos”, com vinte vagas em cada turma. Oferecemos sessenta vagas que foram prontamente preenchidas, com uma lista de espera enorme e, quando havia uma desistência, era suprido com a lista de espera. Mas as desistências eram poucas, teve muita adesão, foi muito bacana. Meu foco sempre foi o desenvolvimento das pessoas, claro que se alguém tivesse interesse em continuar ou se*

*aprofundar nas questões do teatro tinha o “Grupo Municipal de Teatro Bah!”. Eu buscava isso, ir instrumentalizando as pessoas para um dia chegarem no grupo municipal. Eu tinha essa questão mais terapêutica, mas a necessidade das turmas era de produzir e se apresentar. Foi uma coisa meio solitária, teve apoio da Secretaria de Cultura e tal, mas era um projeto que eu levava. Eu fazia tudo: matrícula, chamadas, controle de alunos. Eu sempre me preocupei em mostrar os resultados, se me perguntassem quantas presenças eu tinha o controle de tudo isso, eu fazia questão. Nas “mostras” não era diferente, tinha pouco apoio da equipe da Casa de Cultura numa noite de apresentação. Eu tinha que recorrer à alunos de outros grupos para que pudessem dar um suporte nas apresentações. A minha preocupação era sempre que os alunos produzissem os seus esquetes, o que eles queriam mostrar? Era isso que eu me preocupava em fazer, não em levar tudo pronto. Em cada encontro tínhamos os exercícios, expressão corporal, expressão vocal, trabalho em equipe e sempre tinha a produção de alguma cena, para que eles pudessem experimentar se colocar em cena, se apresentar e assistir, para também criar esse gosto por assistir, por observar os outros e apontar o que poderia ser melhor. Gostaria de ressaltar que o grupo “Dá Pena... De Não Ver” era muito utilizado em atividades do município, como por exemplo na Semana Farroupilha e Feira do Livro, e eu engajava o grupo que possuía muita vontade de se apresentar, era um grupo muito criativo e com muitas ideias. Participamos também em 2012 do “Festival de Esquetes Teatrais de Novo Hamburgo” com um melodrama chamado “Tramas do Destino” e fomos premiados na categoria “texto original”. O ano de inauguração do projeto foi 2011, e nos dois primeiros anos tínhamos a média de 60 alunos por ano e a partir de 2013 o número subiu para 80 alunos por ano. Em 2017 eu parei de dar aulas, mas continuei acompanhando a oficina Nicole e o Secretário de Cultura mudou por conta própria algumas metodologias. Por exemplo, ao invés de serem dois encontros por semana passou a ser um encontro e ele também dobrou o número de vagas. Tem pessoas que iniciaram no projeto “Teatro para Todos” e foram depois para o “Programa Integrado de Inclusão Social” e para o “Grupo Municipal de Teatro Bah!”. O total de pessoas que passaram pelo projeto eu não tenho esse dado, mas a partir das vagas disponibilizadas a cada ano podemos ter uma pequena ideia. Também tiveram pessoas que foram acompanhando o projeto ao longo dos anos, começando no grupo “Miniatores” e foram crescendo até chegar no grupo “Encena”. Algo que considero que fomos melhorando ao longo dos anos foi que, no início era apenas uma noite de apresentação, depois passamos para duas noites de apresentação e na época da Nicole chegou a ser a semana inteira de apresentação. Era um número grande de alunos e o auditório da Casa de Cultura comporta 270 pessoas, portanto, com apenas uma noite de apresentação deixava muito restrito o acesso. Cada pessoa*

*poderia levar três convidados e muitos gostariam de convidar os amigos e a família e não conseguiram, por isso, passamos a fazer duas noites. Para o desenvolvimento da pessoa que faz teatro apresentar mais de uma vez é maravilhoso, pois elas não ficam com apenas uma chance de se apresentar, hoje pode ser de um jeito e amanhã de outro. Essa é magia do teatro, nunca é igual. Eu também trabalhava com alunos que o importante não era somente a apresentação e sim o desenvolvimento, como que eles iniciaram a oficina e como estão terminando? O que melhorou? Fazíamos autoavaliações a cada semestre para a pessoa perceber o que tinha melhorado. E o resultado dessas avaliações era que 100% percebiam uma mudança, nas suas atitudes, na sua confiança e se sentiam mais seguros no dia-a-dia.*

### CAPÍTULO III

*“Qual o sentido que possui essa prática para quem a realiza? O que está se levando dessa prática? No que ela altera a visão de mundo, a visão sobre si mesmo, o estar no mundo? Que tipo de ampliação de horizontes ela está trazendo?”*

*(Maria Lúcia Pupo)*

*“Por isso que eu comecei a fazer teatro, porque eu sempre senti que havia um mundo de possibilidades, é isso que o teatro proporciona pra gente. Tem mundos inteiros a serem explorados.”*

*(Dillan Santiago)*

### **Análise reflexiva dos depoimentos**

Neste capítulo farei uma análise dos depoimentos buscando traçar relações entre as experiências nas aulas do projeto “Teatro para Todos” e as concepções de alguns autores como: Augusto Boal, Jorge Larrosa<sup>18</sup>, Maria Lúcia Pupo<sup>19</sup> e Viola Spolin. Os relatos apresentam narrativas e, alguns pontos em comum, que nos dão indícios da importância do projeto e da influência dele no desenvolvimento sensível e intelectual dos participantes.

Ainda hoje, mesmo depois de alguns avanços, são poucas as escolas que oferecem aulas de teatro. Para aqueles que não têm a sorte, resta buscar por cursos particulares. Porém, como relatei no primeiro capítulo, muitas vezes os valores desses cursos são altos ou então ficam afastados daqueles que não moram em capitais, ou mesmo, são inexistentes.

Não se faz aqui uma crítica aos cursos pagos, mas sim, a ausência de iniciativas que oportunizem o acesso de todos ao teatro ou artes em geral. Quem já vivenciou algo parecido entende a angústia e o sentimento de impotência ao ter seu desejo inviabilizado por falta de oportunidade. Quantos pintores, quantas estrelas de cinema, quantos cantores, não puderam ser por falta de oportunidade? Quantos artistas estão escondidos?

Considero essa a maior potência do projeto “Teatro para Todos”: viabilizar a experiência. O ponto onde todos os depoimentos se encontram é, sem dúvida, o que se refere à possibilidade de acesso gratuito a aulas de teatro.

Ao ler os depoimentos, prontamente percebi o quanto o Projeto Teatro para Todos foi, em diferentes níveis e formas, transformador na vida dos alunos. Muitos seguiram a carreira artística e/ou ingressaram na universidade em cursos de teatro. Outros dizem terem se descoberto como protagonistas de suas próprias histórias, como cidadãos e como gente.

De qualquer modo, seguindo carreira artística ou não, fica evidente nos relatos o quanto o contato com o teatro ajudou no desenvolvimento pessoal de cada um. Uma fala da professora Michele Darolt elucidada bem esse cenário:

São várias pessoas que iniciaram a trajetória no “Teatro para Todos”. Alguns seguiram na questão teatral, outros não, mas eu tenho certeza que ajudou muito na vida. Eu falava isso pros pais que falavam “ai meu Deus, meu filho vai parar na Globo”, e eu falava: Olha pai, olha mãe, nosso objetivo aqui é que a pessoa se desenvolva, que consiga chegar numa farmácia e pedir um remédio, que consiga participar de uma entrevista de trabalho, que consiga apresentar um trabalho na escola, que sinta mais confiança, que se desenvolva. (DAROLT, 2022).

---

<sup>18</sup> Professor de Filosofia da Educação na Universidade de Barcelona.

<sup>19</sup> Maria Lucia de Souza Barros Pupo é doutora em Estudos Teatrais pela Universidade Paris III e professora.

Muitos dizem que tiveram um “apaixonamento”, um encantamento. Mas a que se deve esse fascínio? Como as aulas de teatro proporcionam essas transformações?

Suzane diz que, a partir das aulas de teatro, ela passou a ter uma visão mais empática em relação as outras pessoas, que ao interpretar passamos a considerar outras realidades, segundo Maria Lúcia Pupo, “*Teatro é uma arte que permite conhecer melhor o mundo, já que ele me possibilita sair de mim e ver o ponto de vista do outro*”. (2015, p. 3).

Muitos alunos chegam nas aulas temerosos, como um dia me senti. Muitas perguntas atulham nossa cabeça: será que tenho talento? Vou precisar apresentar uma cena? E se eu me sair mal? Tais questionamentos nos afastam da espontaneidade tão importante e desejável nas aulas de teatro. Viola Spolin diz que “*A expectativa de julgamento impede um relacionamento livre nos trabalhos de atuação*”. (2005, p. 7).

Contudo, ao serem introduzidos aos jogos, percebem o grupo, ao perceberem o grupo enxergam a si mesmos. Os jogos oportunizam o trabalho em conjunto, nos quais são necessários os esforços de todos para a resolução dos problemas ou para chegar ao objetivo, e assim, o medo se dissipa. Não estão ali para ter o seu “talento” avaliado, nem mesmo serão expostos a julgamentos, “*o professor não pode julgar o bom ou o mau pois que não existe uma maneira absolutamente certa ou errada para solucionar um problema*”. (SPOLIN, 2005, p. 7).

Gosto de pensar que, durante os jogos coletivos, os colegas são como paraquedas, que nos permitem lançar-nos de um helicóptero a muitos pés de altura, sabemos que podemos saltar pois não estamos sozinhos, o grupo é a aparelhagem que permite que aterrizemos em segurança. Sobre este aspecto Viola Spolin, afirma:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Os jogos desenvolvem as técnicas e habilidades pessoais necessárias para o jogo em si, através do próprio ato de jogar. As habilidades são desenvolvidas no próprio momento em que a pessoa está jogando, divertindo-se ao máximo e recebendo toda a estimulação que o jogo tem a oferecer. (SPOLIN, 2005, p. 4).

Ainda sobre este assunto, diz:

Nessa espontaneidade [do jogo], a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. Isso causa estimulação suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo – ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos. (SPOLIN, 2005, p. 5).

O aluno Dillan em seu depoimento se refere às aulas de teatro como “*terapia artística*”. Existe uma discussão antiga sobre este tema, muitos professores e artistas consideram perigosa esta afirmativa, já que pode desmerecer o valor artístico da atividade. Para mim, teatro não é terapia, mas é sim terapêutico, assim como cozinhar ou praticar um esporte também pode ser. Durante as aulas de teatro, através dos jogos, somos convocados a descobrir e ampliar nosso autoconhecimento.

Em outro momento do seu relato, o aluno Dillan me surpreendeu ao dizer que após a sua experiência nas aulas de teatro, passou a “*enxergar mais além do que enxergava antes*” e que “*é como se tivessem caído muros*”. A sua fala me fez lembrar de uma passagem do livro “A Estética do Oprimido” que diz:

O TO [Teatro do Oprimido] é um método teatral que se manifesta através da Estética do Oprimido, sistema com a mesma base filosófica, social e política, que engloba todas as artes que integram o teatro. A originalidade deste método e deste sistema consiste, principalmente, em três grandes transgressões: 1 – Cai o muro entre o palco e a plateia: todos podem usar o poder da cena; 2 – Cai o muro entre o espetáculo teatral e a vida real: aquele é uma etapa propedêutica desta; 3 – Cai o muro entre artistas e não-artistas: somos todos gente, somos humanos, artistas de todas as artes, todos podemos pensar por meios sensíveis – arte e cultura. (BOAL, 2009, p. 185).

Evidentemente o uso da palavra “muro” na fala de Dillan é apenas uma coincidência, porém, suponho que a “queda do muro” que o fez enxergar as coisas por uma nova ótica, tem relação com o processo de emancipação que o teatro provocou nele. Em outra passagem, ele diz que se sentia apenas como um observador, um personagem secundário e que depois passou a enxergar-se como personagem principal. Ao experimentar o poder da cena, Dillan se reconheceu como gente, como humano.

Eu acredito que o teatro é uma importante ferramenta política. Não no sentido partidário, mas sim, no sentido de podermos expor, refletir e dialogar acerca de temas importantes da sociedade. Em seu depoimento a professora Nicole aponta que, a partir de sua experiência com o fazer teatral se reconheceu como mulher, militante e cidadã. O que vai ao encontro de outra fala de Boal, que diz: “*Para isso serve a arte: não só para mostrar como é o mundo, mas também para mostrar porque ele é assim e como se pode transformá-lo. Espero que ninguém esteja satisfeito com o mundo tal qual ele é: por isso, há de querer transformá-lo*”. (BOAL, 2014, p. 91).

Outro aspecto que considero relevante ao analisarmos a importância do projeto, é a maneira que ele, indiretamente, impacta na comunidade esteiense. Segundo o relato de Débora,

vários membros de sua família, que não têm acesso e nem costume de frequentar teatro, puderam ter essa experiência, pela primeira vez, durante as apresentações das “mostras”.

Esteio quase não recebe espetáculos teatrais. Presumo ser consequência de diversos fatores, como por exemplo, o desinteresse de alguns grupos de apresentarem fora da capital e também a displicência da própria administração, tendo em vista que o teatro da Casa de Cultura apresenta algumas precariedades, como falta de equipamentos de iluminação, por exemplo. Com isso, se faz necessário a contratação de empresas de iluminação e sonorização sempre que a cidade recebe alguma peça, dificultando assim, que as mesmas aconteçam.

Reconheço o projeto como um formador de plateia, já que as apresentações dos alunos oportunizam a geração de espectadores.

Acredito que o teatro é uma celebração à vida e, talvez por isso, seja tão transformador. Me encanta a potencialidade de estar em cena, de ser visto, não num sentido exibicionista, mas sim, de comungar o momento presente. Suzane em seu depoimento diz que, para ela, o teatro foi como um convite para parar e observar.

Atualmente, somos inundados diariamente com enxurradas de informações e em sua maioria, inúteis. Já perdi as contas das vezes que me distraí por um momento rolando o “*feed*” de alguma rede social e quando me dei conta, passaram-se horas. O capitalismo nos adoece, trabalhamos para comprar coisas das quais não precisamos. A meritocracia nos faz sentir como fracassados. Os padrões impostos – de beleza, comportamento, financeiro – nos conduzem a comparações e criam rivalidades. Quanto tempo nos sobra para contemplar? O teatro nos convida a olhar para a nossa própria humanidade e a refletir sobre nossos comportamentos.

O caráter efêmero do teatro nos convoca a sermos e estarmos inteiros, totais, supremos, ilimitados. Quantas coisas nos acontecem o tempo todo, mas quantas nos tocam verdadeiramente? Conforme Larrosa:

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma “antiexperiência”. Por isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituir-nos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (LARROSA, 2001, p. 21-22).

Eu, de fato, acredito que toda pessoa merecia experienciar estar em cena e receber aplausos, pelo menos uma vez na vida. Assim, como o personagem Auggie do livro *Extraordinário* de R.J. Palácio que diz que “*Toda pessoa deveria ser aplaudida de pé pelo menos uma vez na vida, porque todos nós vencemos o mundo*”. (PALÁCIO. 2013, p. 313).

Desejo salientar a relevância de projetos como este, onde todos se dedicam e sonham juntos. Abraçando Paulo Freire que sempre nos lembra da importância da utopia, espero que um dia todas as cidades possam oferecer um projeto como o “Teatro para Todos” para a sua comunidade.

A grande questão é que, quando fazemos teatro, trabalhamos atitudes de respeito e de convivência, não com sermões, não com noções, digamos, de jardinagem ou biologia, mas com o próprio teatro. O recurso que temos para trabalhar o respeito, as questões de ética, as questões de respeito ao outro e de tolerância são os próprios elementos teatrais, ou seja, basicamente o jogo, a potência da dinâmica lúdica. (PUPO, 2015, p. 5).

Acredito ainda, que o teatro deveria estar presente nos alicerces de qualquer projeto de educação. Os depoimentos que constam neste trabalho são apenas um pequeno recorte do que foi vivenciado no “Teatro para Todos”, mas nos mostram o quanto o fazer teatral nos oferece a possibilidade de propiciar o autoconhecimento, a emancipação e a empatia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emocionada com a primeira noite de apresentações, Cláudia ressaltou o empenho dos pequenos artistas. "Eles fizeram tudo isso em 15 aulas que tivemos. Tudo que vocês acompanharam aqui nesta noite foi fruto da imaginação deles, são ideias desenvolvidas em grupo. Fazer teatro é muito difícil, ainda mais nessa fase de aprendizado. Eles estão aprendendo a atuar, assim como eu estou constantemente aprendendo a ser professora", disse.

Figura 3 - Trecho de matéria no site da Prefeitura de Esteio. Fonte: [https://www.esteio.rs.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15917:primeira-noite-do-teatro-para-todos-encanta-com-criatividade-dos-alunos&catid=25&Itemid=202](https://www.esteio.rs.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15917:primeira-noite-do-teatro-para-todos-encanta-com-criatividade-dos-alunos&catid=25&Itemid=202)

Escolhi começar com a frase que disse ao final da “16º Mostra do Projeto Teatro para Todos” e minha primeira como professora. Considero que ela é a síntese do que a experiência neste projeto representou para mim. Enquanto os alunos aprendiam teatro eu aprendia a ser professora.

Durante o período que lecionei foram inúmeros os desafios encontrados por mim. Me senti extremamente contemplada pelo depoimento da professora Nicole Textor, quando a mesma relata que o maior desafio encontrado por ela foi tornar o projeto, de fato, para todos.

Como já expliquei anteriormente, as turmas não eram divididas por níveis de experiência. Portanto, como planejar uma aula que não afaste quem está chegando pela primeira vez e nem desmotive quem quer avançar nos estudos?

Reaprendi com meus alunos a importância e a força do coletivo, estarmos juntos por um objetivo em comum. Demos as mãos uns para os outros e não soltamos. Todos se ajudavam pois sabiam que estariam juntos em cena, era um trabalho feito por muitas mãos.

Muitos alunos começaram nas aulas quase não falando, tamanha timidez. Outros apresentavam questões muito sérias de baixa autoestima. Alguns pais e mães comentavam que seus filhos não tinham amigos na escola, mas nas aulas de teatro fizeram amigos e sentiam-se seguros e acolhidos.

Lembro bem de uma aluna que começou as aulas muito tímida e retraída, preferindo inclusive não participar da primeira apresentação do ano. Eu disse a ela que não havia problema nenhum, que ela só entraria em cena quando se sentisse segura. Falei também que, se ela quisesse, poderia estar com a turma exercendo outras funções. Expliquei que no fazer teatral existem inúmeras profissões e que ela poderia ajudar na produção, mas reforcei que a presença dela ali era importante mesmo que ela não estivesse em cena.

Quando estávamos nos preparando para a segunda apresentação, ela me chamou e disse que se sentia pronta e que queria estar em cena com o restante da turma. Vou guardar para

sempre esse momento, foi muito significativo na minha trajetória como professora. Ela me ensinou sobre respeitar os próprios limites, me ensinou sobre autoconhecimento, me ensinou sobre valorizar o processo e sobre a importância da confiança nas relações.

Nas minhas turmas tive alunos com TDAH, autismo, síndrome de down, entre outros. Fiquei assustada, não sabia como conduzir essa situação e mais uma vez meus alunos me ensinaram. Assim como na sociedade, as turmas de teatro são feitas de pessoas múltiplas, diversas, diferentes. Aprendi na prática sobre inclusão, generosidade e paciência.



Figura 4 - Registro do esquete “Balbúrdia” apresentado na “16ª Mostra do Projeto Teatro para Todos”. Fonte: arquivo pessoal.

Outro desafio foi alinhar as expectativas, minhas, dos alunos, das famílias e da instituição. Sempre optei por deixar que os alunos trouxessem suas inquietações para as aulas, para que pudéssemos trabalhar com elas. Uma das minhas turmas de adolescentes apresentou um esquete em que mostrava uma sala de aula opressora, os alunos não podiam conversar e nem mesmo se mexer.

Ao final do esquete as alunas desta turma criavam uma “rebelião”, armadas com livros de onde despontavam flores, ao som da música “Trono do Estudar”, que foi tema das ocupações das escolas por secundaristas em 2016. Estávamos em 2019, primeiro ano de mandato do então presidente Jair Bolsonaro, a sua eleição ainda repercutia. Os alunos desejavam expressar suas insatisfações, anseios e valores.

*“Ninguém tira o trono do estudar  
Ninguém é o dono do que a vida dá  
E nem me colocando numa jaula  
Porque sala de aula essa jaula vai virar”*

(Trecho da Canção “Trono do estudar” de Dani Black)

Depois da apresentação, uma pessoa importante da Casa de Cultura me procurou para parabenizar pela “Mostra”. Mas como eu já esperava, me foi pedido que não envolvesse assuntos como política, religião e futebol nas apresentações. A pessoa justificou o pedido dizendo que o projeto atendia muitas pessoas e que, não poderíamos prever o que cada uma acharia dessas manifestações. Expliquei que, durante minhas aulas, todos os alunos tinham direito de manifestar suas opiniões. O tema do esquete foi um desejo da turma, e eu não poderia impedir que eles se expressassem.

Fui questionada do porquê não trabalhar Shakespeare ou outros grandes autores, já que eu dava aulas de teatro. Escutei pacientemente enquanto refletia sobre as censuras veladas e discretas pelas quais ainda somos submetidos. Me amparo nas palavras do professor Paulo Freire<sup>20</sup> que em seu livro “Pedagogia da Autonomia” fala que *“Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos”* (FREIRE, 1997, p. 70). E ainda:

Primordialmente, minha posição tem de ser a de respeito à pessoa que queira mudar ou que recuse mudar. Não posso negar-lhe ou esconder-lhe minha postura, mas não posso desconhecer o seu direito de rejeitá-la. Em nome do respeito que devo dos alunos não tenho por que me omitir, por que ocultar a minha opção política, assumindo uma neutralidade que não existe. Esta, a omissão do professor em nome do respeito ao aluno, talvez seja a melhor maneira de desrespeitá-lo. O meu papel, ao contrário, é o de quem testemunha o direito de comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção deste direito por parte dos educandos. (FREIRE, 1997. p. 70).



Figura 5 - Charge do artista conhecido na internet como “caixa de remédios”.

<sup>20</sup> Paulo Freire (1921-1997) foi um educador e filósofo brasileiro.

Neste dia, os alunos me ensinaram a ter coragem, responsabilidade e a não ter medo de lutar pelo o que acreditamos.

A Casa de Cultura possui um espaço pequeno, que fica embaixo do auditório, e servia para armazenar figurinos, adereços e cenários. Havia infiltrações, mofo, poeira, lixo e descartes. O ambiente era insalubre e sempre que precisávamos utilizar algum figurino ou material guardados lá, ficávamos com crises alérgicas.

No recesso do meio do ano, resolvi organizar um mutirão de limpeza e revitalização daquele espaço. Vários alunos compareceram para me ajudar, assim como algumas mães e funcionários da Casa de Cultura. Foram vários dias de limpeza, começando às 8h da manhã e terminando por volta das 21h. Nessa ocasião, aprendi sobre a importância do cuidado e da preservação dos nossos espaços.

Aprendi, de forma dolorosa, a separar o profissional do pessoal. Um dos meus alunos foi espancado pelos pais, quando eles descobriram que ele estava frequentando aulas de teatro. Ele era maior de idade, porém, sua família era extremamente conservadora e religiosa. Acreditavam que por estar participando da oficina, ele se tornaria gay. Nunca mais o vi e nem pudemos nos despedir. Soube desta situação por meio de outros alunos. Fiquei dias em estado de choque, abatida, culpada, me sentindo impotente.

Como relata Samanta:

Há sim uma linha tênue entre o que é pessoal e o que é profissional, mas uma parte sempre vai respingar na outra. E quando se é arte-educadora, é mais difícil encontrar os limites do profissional e pessoal. Quando se lida com vidas já tão machucadas e abandonadas, não é possível ser indiferente. Talvez um dos grandes aprendizados de uma educadora seja o de compreender onde está este limite – o que só vamos descobrir na experiência da prática. (DELLA PASSE, 2017, p. 43-44).

Como já discutido anteriormente, as aulas de teatro, através de jogos e da possibilidade de expressão, auxiliam na libertação pessoal. Muitas vezes nas apresentações, foram abordados temas como sexualidade, política e feminismo. Entendo o quanto isso foi importante para os alunos, ao mesmo tempo que, desafiador em relação à reação das famílias.

Aprendi também a resistir às adversidades. Na “17ª Mostra do Projeto Teatro para Todos”, por falta de verba para contratação de empresas de iluminação e sonorização, todas as minhas oito turmas se apresentaram na mesma noite. O auditório não comportava o número de familiares e amigos de cada aluno, e por isso dividi a “mostra” em dois momentos.

As apresentações estavam marcadas para iniciar às 19h30min, e às 18h o sistema de iluminação ainda não estava montado. Eu estava com 140 alunos nervosos, ansiosos e difíceis

de controlar. Eu precisava cuidar de tudo, das roupas, cenários, maquiagens, dos convidados que estavam chegando, do som e da luz. Neste dia estava tendo um temporal e, ao iniciarmos a “mostra”, faltou luz. As crianças ficaram assustadas, os adolescentes dispersos, os adultos confusos e as famílias impacientes. Felizmente eu contei com a presença de alguns amigos que voluntariamente se ofereceram para me ajudar.

Como Michele e Nicole mencionam em seus relatos, estar nesse projeto nos obriga a nos superarmos a cada dia. Com pouco ou quase nada de auxílio, nos são incumbidas funções de professoras, roteiristas, cenógrafas, figurinistas, maquiadoras, operadoras de som e luz, produtoras, apresentadoras, psicólogas, mãe, tia, amiga.

Costumo dizer que *“depois do projeto Teatro para Todos eu sou capaz de fazer qualquer coisa”*. Contudo, não quero romantizar o excesso de trabalho, pois além de não recebermos para exercer tantas funções, trazemos prejuízos a nossa saúde mental.

O trabalho do professor muitas vezes é solitário, mesmo que estejamos rodeados de pessoas. Na minha experiência, me deparei com obstáculos e adversidades. Chorei muitas vezes, quando senti medo e quando me senti incapaz. Chorei por me envolver na história dos alunos, pelo salário atrasado ou por não receber o pagamento. Chorei por cansaço, pelas cobranças e por vezes pelos insultos. O trabalho não acaba quando termina, levamos para casa, para a reunião com os amigos, para a terapia. Fui desacreditada e considerada “menos” professora, pois o que eu ensino “não tem utilidade nenhuma”.

Eu sempre tive uma boa relação com meus professores mas só consegui entender, de fato, o que essa profissão significa, depois que me tornei uma.

Ao me tornar professora, passei a gostar mais dos meus professores, pois consegui humanizá-los. Professores erram, tem problemas, às vezes não querem estar na aula tanto quanto os alunos. Sim, acontece. Professores não sabem tudo e também tem muito o que aprender. Acredito na educação da paciência e do afeto e em se permitir afetar e transmutar.

Jamais esquecerei os ensinamentos que participar do “Teatro para Todos” me trouxe, desde quando aluna, até quando professora. Esta experiência foi fundamental para o meu desenvolvimento. Obviamente, minha trajetória acadêmica também o foi. Mas acredito que existem saberes que somente a experiência pode nos trazer.



Figura 6 - Registros de apresentações do projeto "Teatro para Todos" em 2019. Fonte: arquivo pessoal.

## REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A Estética do oprimido** / Augusto Boal. – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores** / Augusto Boal – 16º ed. – 16º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DAROLT, Michele. **Blog Teatro em Esteio**. Esteio. Disponível em: <http://teatroemesteio.blogspot.com/>. Último acesso em: 05 de setembro, 2022.

DELLA PASSE, Samanta. **O QUE É A VIDA? A prática de uma licencianda em Teatro durante a oficina de contação de histórias do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos para Idosos de Esteio - RS**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Faculdade de Teatro Licenciatura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** – Saberes Necessários à Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2001, p.20-28.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas** / Jorge Larrosa – 6º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

PALÁCIO, R. J. **Extraordinário** / R. J. Palácio; tradução de Rachel Agavino. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2013.

PUPO, Maria Lúcia. **Teatro e Educação Formal**. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 2015, p, 01-07.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro** / Viola Spolin – São Paulo: Perspectiva, 2015.

Site da Prefeitura de Esteio aba “perfil”. Disponível em:  
[https://www.esteio.rs.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=20&Itemid=1](https://www.esteio.rs.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20&Itemid=1)  
85

## ANEXOS

## ANEXO A – Folder da “Mostra do Projeto Teatro para Todos”

**Dá pena... De Não Ver! A (19.07)**

**Esquete: “Do jeito que o Brasil gosta”**

**Sinopse:** Na tv, no rádio, nos jornais e nas novelas somos diariamente reduzidos a números e furos de reportagem, o sensacionalismo expõe histórias de vida sem levar em consideração o indivíduo e suas subjetividades e se alimenta da nossa curiosidade e audiência. O grupo por meio do humor ácido expõe situações comuns na televisão aberta brasileira que nos prende em frente a tv, porque quem não gosta de um bom barraco televisivo não é mesmo?

**Elenco:** Bárbara Siberico, Brenda Rodrigues, Daniella Cruz, Eduardo Corrêa, Fabiane Kauer, Gabriela Ventura, Gabriel Porto, Glória Souza Martins, Juliana Bartholomans, Zíbia da Costa, Luís Rosa, Nathália Monte, Patrícia Watsin, Yuri Esser.

---

**Dá Pena... De Não Ver! B (19.07)**

**Esquete: “Malandro é Malandro, Mané é Mané”**

**Sinopse:** O Desaparecimento do malandro e carismático Carlão do 314 deixa um condomínio inteiro sob suspeita. Os investigadores precisarão fazer um trabalho de reconstituição e interrogação com os pitorescos vizinhos para descobrirem o paradeiro desse morador que também guarda alguns segredos.

**Elenco:** Adriana Eggert, Augusto Oliveira, Bárbara Maia, Brenda Carson, Clarinha Witt, Gabriel Antunes, Gabriela Tietbohl, Hariel Camargo, Iris Bitello, João Ronaldo, Kimberly Rodrigues, Li Sarah, Maria Lisandra Souza Martins, Michell Frazão, Natália Fiúza, Nathália dos Santos Rodrigues, Nathalia Ruane, Pâmella Kremer, Patrick Pontin, Tainá Gonçalves, Thales Matheus, Thiago Oliveira, Wanessa Hipólito.

**Sobre o Projeto:** O Projeto Teatro Para Todos nasceu no ano de 2011 graças a uma iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura Esporte e Lazer, juntamente idealizado com a professora Michele Darolt. Em 2017, o projeto passou por uma reformulação onde foi possível ampliar o número de turmas e alunos, no mesmo ano as turmas foram assumidas pela professora Nicole Textor. Na trajetória do projeto já se passaram dezenas de alunos, famílias, espectadores e hoje conta com mais de 120 alunos matriculados. Neste ano entra para o projeto a professora Cláudia Carvalho, assumindo as oito turmas e dando assim continuidade ao projeto, que busca por meio da arte teatral e com o auxílio de jogos e brincadeiras, desenvolver as potencialidades de cada aluno, bem como as relações de coletivo, o fazer artístico e o entendimento da arte como forma de expressão, liberação e de existir no mundo, além de proporcionar para a cidade atividades de arte e cultura.

**Professora/Diretora/Produtora/Roteirista/Concepção Artística/Operadora de som**

Cláudia Carvalho

**Agradecimentos**

**Secretario de Cultura:** Rafael Figliero

**Eventos:** Mônica Marins **Operação de Luz:** Samanta Della **Fosse Biliheteria:** Camila Bitello **Fotografia:** Gabriel Botelho e Junior Sifuentes **Filmagem:** Rodrigo Lougue.

**Colaboração:** Gabriela Rocha, Eduardo Carvalho, Scheila Schein, Inajara, Nelson Muniz, Seu João, Lilian, Eduardo, Leonardo Koslowski, Fanael Gonzalves, Suzane Cardoso, Nicole Textor, Luana Côrrea, familiares, amigos, companheiros e a todos e todas que direta ou indiretamente colaboraram com essa Mostra, nosso muito obrigado.

**Acompanhem-nos também nas redes sociais:**

 [Instagram.com/teatroparatodosesteio](https://www.instagram.com/teatroparatodosesteio)

 [Facebook.com/teatroparatodosesteio](https://www.facebook.com/teatroparatodosesteio)



Prefeitura Municipal de Esteio  
Secretaria Municipal de Cultura Esporte e Lazer

**Mostra do Projeto Teatro Para Todos**



Dias: 18 e 19 de julho de 2019

Horário: 19h30min

Local: Auditório da Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya – Esteio-RS

(Com retirada de senha uma hora antes)



**Miniatores A (18.07)**

**Esquete: “Deu a Louca no Mundo Mágico”**

**Sinopse:** Nesse reino tudo estava na maior paz, as princesas sempre dando ordens, o mordomo só querendo um pouco de descanso, as fadinhas um tanto quanto atrapalhadas, os duendes tentando voar e as bruxinhas estavam no maior tédio... até que tiveram uma ideia: raptar as princesas! Agora resta saber se essa história vai ter um final feliz.

**Elenco:** Aisha Linz, Alejandra Carhuapoma, Amanda Plocharski, Cecília Rodrigues, Eduarda Benemam, Hugo Nathan, Hyrum Carhuapoma, Isi Micaela, Lívia Quadros, Luiza Gomes, Luís Fernando, Maria Eduarda Koch, Nathalia Griebeler, Nicole Marianne, Sofia de Souza, Otávio Prass.

---

**Miniatores B (18.07)**

**Esquete: “A Revolta dos Brinquedos”**

**Sinopse:** Havia uma menina muito mimada, maltratava seus brinquedos e não gostava de nada. Os brinquedos estavam cansados das judiarias que sofriam e resolveram organizar uma revolta! Será que eles conseguirão vingar-se de sua dona?

**Elenco:** Carolina Botelho de Moura, Gustavo Marins, Helena Marins, Júlia Pereira dos Santos, Juliana Ludwing Dias, Laura Porto Paines, Letícia Ldwing Portello, Lucas Samuel Sortica, Valentina Brys Borges.

**Amadores do Palco A (18.07)**

**Esquete: “Uma Festa do Pijama Inesquecível”**

**Sinopse:** Amigas, pijamas, pipoca e brigadeiro parece ser a receita para uma festa no pijama perfeita, mas às vezes as coisas podem sair diferentes do planejado...

**Elenco:** Abigail Carhuapoma, Amanda Ferreira, Anna Sventnickas, Carolainng Carhuapoma Leon, Duda Dorneles, Eduarda Pinheiro, Evelyn Trindade, Isabela de Melo Paz, Isadora Bittencourt, Júlia Letícia, Júlia Kauer, Luiza Silva, Luiza Perdigão, Marina Silva, Henrique Melo, Nathália Melati, Nicole Del Rio, Roberta Bibrich, Vinícius Milech Nunes.

---

**Amadores do Palco B (18.07)**

**Esquete: “Adolescente também é GENTE”**

**Sinopse:** “Se os adultos ouvissem mais os jovens eles iriam se surpreender”. Na adolescência somos confrontados por uma série de descobertas, questionamentos, medos e desejos. Na esquete o grupo apresenta duas pequenas cenas que representam bem essa fase: o primeiro amor, o medo de contar para os pais e as amizades que construímos.

**Elenco:** Amanda Laís de Oliveira, Andressa, Arielle Vieira, Bárbara Lima Kasper, Eduarda Mollman, Érika Pires de Oliveira, Gabriella de Melo Texeira, Guilherme, Hillary Alahna Picolli, Isabelle Serrano, Jennifer da Rosa Magalhães, Letícia Naibert Bertolo, Manuela de Souza Oliveira, Nicole dos Santos Couto, Wallace Pereira dos Santos.

**Encena A (19.07)**

**Esquete: “Balbúrdia”**

**Sinopse:** Balbúrdia trata-se de uma peça-manifesto onde as atrizes e os atores buscam através de uma linguagem performativa questionar o lugar e a importância que damos para a educação no nosso país.

**Elenco:** Ana Laura Henz, Angela Soares, Daniel Cleiton, Dillan Santiago, Vitória Brito, Élen Pascoal, Gabriela Falk, Julia Bonni, Maria Eduarda Maciel, Maria Luiza Bibrich, Marluzi Alano, Nicoli Ruas, Steffani Bonni.

---

**Encena B (19.07)**

**Esquete: “Desconstrução”**

**Sinopse:** Vivemos em uma época baseada no virtual, sentimos medo de ficar fora dos acontecimentos, das tendências, dos padrões e buscamos a perfeição para poder compartilhar numa rede social e nessa busca incessante esquecemos-nos da nossa humanidade e que são as nossas diferenças que nos fazem únicos e colorem a vida. Desconstrução cria um universo ficcional e futurista onde a sociedade encontra-se totalmente transformada e comandada pelo ideal da perfeição.

**Elenco:** Estela Camargo, Dani Roos, Gabi Campos, Gabriel Campos, Lívia Moura, Maitê Bittencourt, Manuela Soares, Marcelo Vencato. **Projeções:** Fanael Gonzalves **Operação:** Gabriel Botelho.

**Dá Pena... De Não Ver! A (19.07)**

**Performance: “Os Vingadores”**

**Elenco:** Luciane Morjana Lumi Stabel

ANEXO B – Alguns registros de apresentações



## ANEXO C – Algumas matérias retiradas do site da Prefeitura de Esteio sobre o projeto “Teatro para Todos” com depoimentos

**Cidadão**

- DisquEsteio - Ouvidoria
- Leis e documentos ▶
- E-Governo
- NFSe
- Concursos e Seleções ▶
- Processos Seletivos
- Conselho Tutelar
- Serviços ▶
- Procon Esteio
- Portal da Transparência ▶

**Governo**

- Gabinete do Prefeito
- Gabinete do Vice Prefeito
- Secretarias ▶
- Notícias ▶
- Hospital São Camilo
- Rede assistencial
- Rede de saúde
- Escola de Gestão Pública
- Escolas Municipais ▶
- Portal / Contracheque ▶
- Prev-Esteio
- Organogramas

**Cidade**

- Perfil
- História
- Galeria de Prefeitos
- Pontos de referência

Cultura, Esporte e Lazer
Última alteração: 03/04/2019 às 14:54
⚙️

### Aulas do Teatro para Todos iniciam-se na Casa de Cultura



A sala multiúso da Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya foi tomada pela energia e alegria de crianças de seis a 11 anos na manhã desta quarta-feira (3) com o início das aulas do Teatro para Todos, projeto promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SMCEL). Os participantes da primeira oficina do dia foram 16 pequenos da categoria Miniatores. Através de brincadeiras, como estátua, pega-pega e dança das cadeiras, eles tiveram a oportunidade de se expressar e trocar técnicas, rendendo resultados positivos com os talentos.

Fotos: Luciana Abdur

Participando pela primeira vez do projeto, Alejandra Carhuapoma, de apenas seis anos, começou a atividade para ter algo para praticar nas manhãs livres. Sua responsável e irmã mais velha, Dayanna Carhuapoma, 23 anos, conta que o teatro é o lazer ideal para Alejandra, que desde sempre demonstrou gosto em interagir. “É um meio dela se expressar melhor e, no futuro, garantir facilidade ao comunicar-se com os outros. Além disso, ela vai se dar bem aqui, pois é muito dramática!”, brincou Dayanna. As duas irmãs são peruanas e vieram para Esteio há cinco anos com os pais.

O Teatro para Todos, realizado desde 2011, é dividido em oito turmas em quatro faixas etárias: Miniatores (seis a 10 anos), Amadores do Palco (11 a 13 anos), Encena (14 a 16 anos) e Dá pena.... de não ver! (acima de 17 anos). Serão duas turmas de cada categoria. A Turma A ensaiará nas quartas-feiras e a B, nas sextas-feiras. Cada turma possui de 15 a 23 alunos. As aulas são ministradas pela professora Cláudia Carvalho.

Desde 2017 envolvida do projeto, Cecília Rodrigues Garcia, 10 anos, entrou no teatro, pois era muito tímida. “Quando eu e minha família soubemos desta oferta de oficina, percebemos que seria a grande oportunidade de eu me soltar”, disse. “De quando entrei até hoje, vejo o quanto evolui. Aprendi a brincar, socializar e deixar a vergonha de lado, afinal, ela não nos leva a nada!”, falou. Cecília acrescentou, ainda, que pretende continuar atuando até a última categoria do projeto, a Dá pena.... de não ver!.

Ainda há 10 vagas disponíveis para a categoria B da turma Encena (14 a 16 anos). Os interessados em participar devem ir na Casa de Cultura nesta sexta-feira (5), das 16h às 17h30min. Para realizar o cadastro, o futuro aluno deve levar documento de identidade e estar

## Cidadão

DisquEsteio - Ouvidoria
Leis e documentos ▶
E-Governo
NFSe
Concursos e Seleções ▶
Processos Seletivos
Conselho Tutelar
Serviços ▶
Procon Esteio
Portal da Transparência ▶

## Governo

Gabinete do Prefeito
Gabinete do Vice Prefeito
Secretarias ▶
Notícias ▶
Hospital São Camilo
Rede assistencial
Rede de saúde
Escola de Gestão Pública
Escolas Municipais ▶
Portal / Contracheque ▶
Prev-Esteio
Organogramas

## Cidade

Perfil
História

### Cultura, Esporte e Lazer

Última alteração: 19/07/2019 às 13:15



## Primeira noite do Teatro Para Todos encanta com criatividade dos alunos



Fotos: Ingrid Kasper

O público assistiu, fascinado, à primeira noite de exibições da 16ª Mostra do Teatro Para Todos, nesta quinta-feira (18), na Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya de Esteio. O motivo para tal reação foi a qualidade das encenações levadas ao palco pelos grupos Miniatores A e B (seis a 10 anos) e Amadores do Palco A e B (11 a 13 anos), cujas oficinas ocorrem dentro do centro cultural esteiense, que trouxeram histórias envolvendo muita magia e criatividade.

Os atores têm aulas de teatro ao longo do ano e, a cada peça ensaiada, ocorrem as apresentações promovidas pela Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SMCEL) na própria Casa de Cultura e em eventos da Prefeitura. O diferencial desta edição é que todas as peças foram elaboradas com temas livres pelos próprios integrantes. Quem não pôde comparecer à noite de abertura terá a oportunidade de ver mais trabalhos nesta sexta-feira (19), com o Encena (14 a 16 anos) e o Dá pena... de não ver! (acima de 17 anos), a partir das 19h30min, também na Casa de Cultura, com entrada franca (veja a programação abaixo).

O titular da SMCEL, Rafael Figliero, recepcionou o público que prestigiou o evento. "Essa é uma noite de admirar aquilo que foi construído pelos alunos ao longo das aulas. Serão duas noites de apresentações que abrangem o trabalho desenvolvidos pelos nossos atores neste primeiro ano de atividades da professora Cláudia Carvalho, que deu segmento para esse projeto que encanta a todos", afirmou.

Emocionada com a primeira noite de apresentações, Cláudia ressaltou o empenho dos pequenos artistas. "Eles fizeram tudo isso em 15 aulas que tivemos. Tudo que vocês acompanharam aqui nesta noite foi fruto da imaginação deles, são ideias desenvolvidas em grupo. Fazer teatro é muito difícil, ainda mais nessa fase de aprendizado. Eles estão aprendendo a atuar, assim como eu estou constantemente aprendendo a ser professora", disse.

## Cidadão

DisquEsteio - Ouvidoria
Leis e documentos ▶
E-Governo
NFSe
Concursos e Seleções ▶
Processos Seletivos
Conselho Tutelar
Serviços ▶
Procon Esteio
Portal da Transparência ▶

## Governo

Gabinete do Prefeito
Gabinete do Vice Prefeito
Secretarias ▶
Notícias ▶
Hospital São Camilo
Rede assistencial
Rede de saúde

### Cultura, Esporte e Lazer

Última alteração: 17/07/2019 às 09:20



## Mostra do Teatro para Todos exibirá produções dos próprios alunos



Foto: Adriano Rosa da Rosa

Nos dias 18 e 19 deste mês, o Teatro para Todos realizará a sua 16ª mostra na Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya (Rua Padre Felipe, 900). Oito peças teatrais, divididas entre os dois dias, serão encenadas por um elenco de 120 alunos do projeto artístico. O diferencial desta edição é que todas as peças foram elaboradas com temas livres pelos próprios integrantes (veja a programação abaixo).

As apresentações terão início às 19h30min em ambos os dias. Em 18 de julho, os grupos A e B das categorias Miniatores (seis a 10 anos) e Amadores do Palco (11 a 13 anos) se apresentarão. No dia 19, será a vez das categorias Encena (14 a 16 anos) e Dá pena... de não ver! (acima de 17 anos). Os atores têm aulas de teatro ao longo do ano e, a cada peça ensaiada, ocorrem as apresentações promovidas pela Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SMCEL) na própria Casa de Cultura e em eventos da Prefeitura.

O projeto Teatro para Todos começou em 2011. Atualmente, a responsável por ministrar as aulas é a professora Cláudia Carvalho. Durante as aulas, os alunos têm contato com práticas teatrais, vocais e corporais. Para participar, é necessária se inscrever quando da abertura de novas vagas, geralmente no início de cada ano.

## Cidadão

DisquEsteio - Ouvidoria

Leis e documentos ▶

E-Governo

NFS-e

Concursos e Seleções ▶

Processos Seletivos

Conselho Tutelar

Serviços ▶

Procon Esteio

Portal da Transparência ▶

## Governo

Gabinete do Prefeito

Gabinete do Vice Prefeito

Secretarias ▶

Notícias ▶

Hospital São Camilo

Rede assistencial

Rede de saúde

Escola de Gestão Pública

Escolas Municipais ▶

Portal / Contracheque ▶

Prev-Esteio

Organogramas

## Cidade

Perfil

História

Galeria de Prefeitos

Pontos de referência

Símbolos Oficiais ▶

Conselhos Municipais

Imagens da cidade

Mapa de Esteio

Cultura, Esporte e Lazer

Última alteração: 25/11/2019 às 15:26



## Grandes obras inspiram peças da 17ª Mostra do Teatro para Todos



Fotos: Vitória Costa

As artes cênicas tomaram conta da Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya na 17ª Mostra do Teatro para Todos na última sexta-feira (23). Os mais de 40 alunos que integram os quatro grupos do projeto, iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SMCEL), apresentaram quatro esquetes construídas ao longo das aulas na oficina, inspiradas em grandes obras.

“O Homem Infelizmente tem que Acabar”, livro de Carla Carleone, serviu de inspiração para a peça “Todas Juntas”, que trouxe como tema discussões sociais como liberdade de expressão, padrões de beleza e o lugar da mulher na sociedade.

Segundo a aluna Helen Pascoal, 16 anos, esses assuntos precisam ser discutidos e desmistificá-los é necessário. “A arte é política e a peça foi construída em conjunto a partir de uma discussão sobre o lugar da mulher na política. É muito importante que se fale sobre isso, para que possamos de forma artística trazer questionamentos a respeito dos direitos da mulher”, afirmou.

O auditório da Casa de Cultura estava lotado quando se transformou em um julgamento, na apresentação da esquete retirada da obra “O Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente. A peça, que fez a plateia cair na risada, trazia como tema principal um julgamento para pessoas que já haviam morrido. Um a um, os personagens, inusitados, adentravam o palco na busca de redenção, porém nem todos conseguiam convencer o anjo guardião da barca, que tinha como destino o Céu. Os reprovados tinham que se contentar em sentar-se ao lado do diabo, na barca que já estava com rota traçada para o Inferno.

Para Júlia Kauer, integrante do grupo Encena, as aulas possibilitam novas experiências para a vida. “Eu comecei na arte através do balé, mas foi no teatro que eu realmente me encontrei. Faz três anos que faço teatro e já adquiri muita experiência com as situações que surgem. Tenho certeza que vou levar isso para minha toda”, afirmou a aluna de 14 anos.

As outras duas peças que foram apresentadas na Mostra foram “A Louca da Família Santos”, história de uma família nada normal, e “Uma Cena Curta e Entediante, Trágica e Cômica do Amor do Jovem Pirâmo por sua Amada Tisbe” esquete readaptada para o século XXI, retirada da obra “Sonho de uma Noite de Verão” de William Shakespeare.

Promovido pela Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer (SMCEL), o projeto teve início em 2011, visando o desenvolvimento artístico dos participantes. As turmas participam do projeto ao longo do ano, que promovem a cultura e expressam a arte em seus diferentes conceitos para os espectadores. Durante as aulas, os alunos têm contato com práticas teatrais, vocais e corporais.

## Cidadão

DisquEsteio - Ouvidoria
Leis e documentos ▶
E-Governo
NFSe
Concursos e Seleções ▶
Processos Seletivos
Conselho Tutelar
Serviços ▶
Procon Esteio
Portal da Transparência ▶

## Governo

Gabinete do Prefeito
Gabinete do Vice Prefeito
Secretarias ▶
Notícias ▶
Hospital São Camilo
Rede assistencial
Rede de saúde
Escola de Gestão Pública
Escolas Municipais ▶
Portal / Contracheque ▶
Prev-Esteio
Organogramas

## Cidade

Perfil
História
Galeria de Prefeitos
Pontos de referência
Símbolos Oficiais ▶
Conselhos Municipais
Imagens da cidade
Mapa de Esteio

### Cultura, Esporte e Lazer

Última alteração: 22/07/2019 às 12:01



## Quatro esquetes encerram a 16ª Mostra do Teatro para Todos



Fotos: Ingrid Kasper

O auditório da Casa de Cultura Lufredina Araújo Gaya de Esteio foi tomado pelos aplausos da plateia após a segunda noite de apresentações da 16ª Mostra do Teatro Para Todos, na última sexta-feira (19). Os Grupos Encena (para jovens de 14 a 16 anos) e o Dá Pena... De não ver! (acima de 17 anos) envolveram o público com esquetes criadas pelos próprios alunos, nas quais os pensamentos, as críticas e a criatividade dos artistas ficaram em evidência.

Augusto Oliveira, 18 anos, interpretou o personagem Messias na esquete "Malandro é Malandro, Mané é Mané" do grupo Dá Pena... De não ver! B. O ator afirmou que o teatro é parte fundamental de sua vida. "E o meu refúgio de todos os problemas físicos e psicológicos. A turma é ótima e me adaptei muito bem com eles, acabamos sempre nos ajudando", disse.

"Balbúrdia" foi a apresentação do Encena A, que envolveu o público com reflexões sobre a situação atual do nosso país e a valorização da educação. Com "Desconstrução", o Encena B trouxe os questionamentos da importância que a sociedade atual atribui ao mundo virtual e aos padrões instituídos.

A esquete "Do jeito que o Brasil gosta", do grupo Dá Pena... De não ver! A transformou o auditório em um programa de televisão, trazendo reflexões, com o uso do humor, sobre o conteúdo consumido pelos telespectadores. Após, o sumiço do Carlão do 304 foi tema da esquete "Malandro é Malandro, Mané é Mané" do Encena B. A história conta com cenas baseadas na comédia que envolve o desaparecimento do vizinho mais popular e polêmico do prédio.

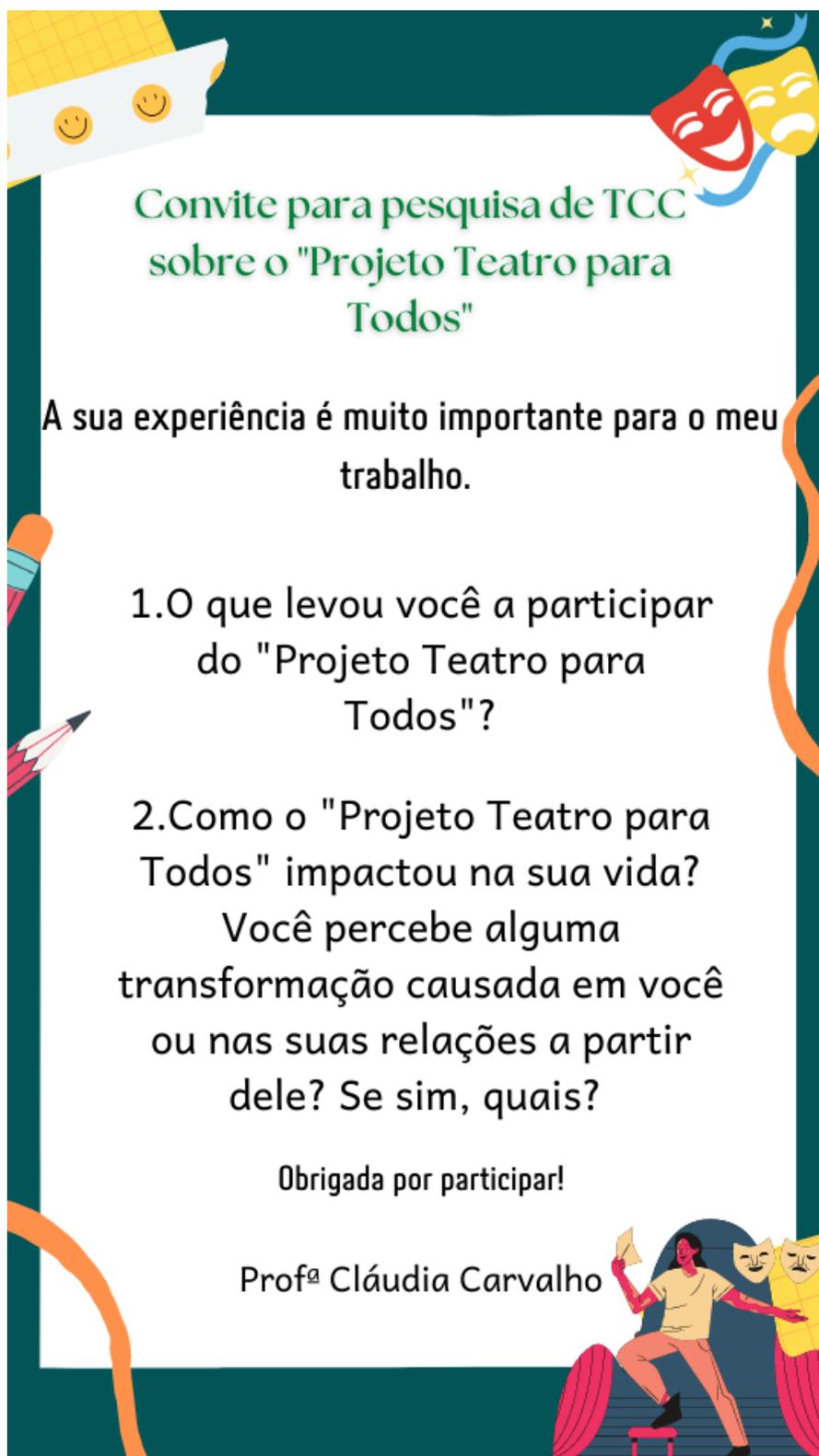
A 16ª Mostra do Teatro Para Todos começou na quinta-feira (18). O grupo Miniatores A (seis a 10 anos) apresentou a peça "Deu a Louca no Mundo Mágico". Um reino formado por princesas mandonas, fadinhas atrapalhadas, duendes que tentam voar e bruxinhas entediadas têm sua paz interrompida quando as princesas são raptadas. O Miniatores B encenou "A Revolta dos Brinquedos". Cansados de sofrer nas mãos de sua dona, os brinquedos organizam uma revolta.

"Uma Festa do Pijama Inesquecível" foi o título da esquete do grupo Amadores do Palco A (11 a 13 anos). Amigas, pijamas, pipoca e brigadeiro parece ser a receita para uma festa no pijama perfeita, mas, às vezes, as coisas podem sair diferentes do planejado. Por fim, o Amadores do Palco A trouxe ao palco "Adolescente também é gente". Em duas pequenas cenas, a produção representa bem essa faixa etária, com questões como o primeiro amor, o medo de contar as coisas para os pais e a construção de amizades.

O projeto Teatro para Todos começou em 2011. Durante as aulas, os alunos têm contato com práticas teatrais, vocais e corporais. As inscrições para participação no projeto são abertas, geralmente, no início de cada ano.

Texto: Ingrid Kasper

## ANEXO D – Convites para os depoimentos



**Convite para pesquisa de TCC  
sobre o "Projeto Teatro para  
Todos"**

**A sua experiência é muito importante para o meu  
trabalho.**

**1.O que levou você a participar  
do "Projeto Teatro para  
Todos"?**

**2.Como o "Projeto Teatro para  
Todos" impactou na sua vida?  
Você percebe alguma  
transformação causada em você  
ou nas suas relações a partir  
dele? Se sim, quais?**

**Obrigada por participar!**

**Prof<sup>a</sup> Cláudia Carvalho**



## Convite para pesquisa de TCC sobre o "Projeto Teatro para Todos"

A sua experiência é muito importante para o meu trabalho.



1. Quais foram os desafios e descobertas que você encontrou ao dar aula no "Projeto Teatro Para Todos"?

2. Como o "Projeto Teatro para Todos" impactou na sua vida? Você percebe alguma transformação causada em você ou nas suas relações a partir dele? Se sim, quais?

Obrigada por participar!

Prof<sup>a</sup> Cláudia Carvalho

